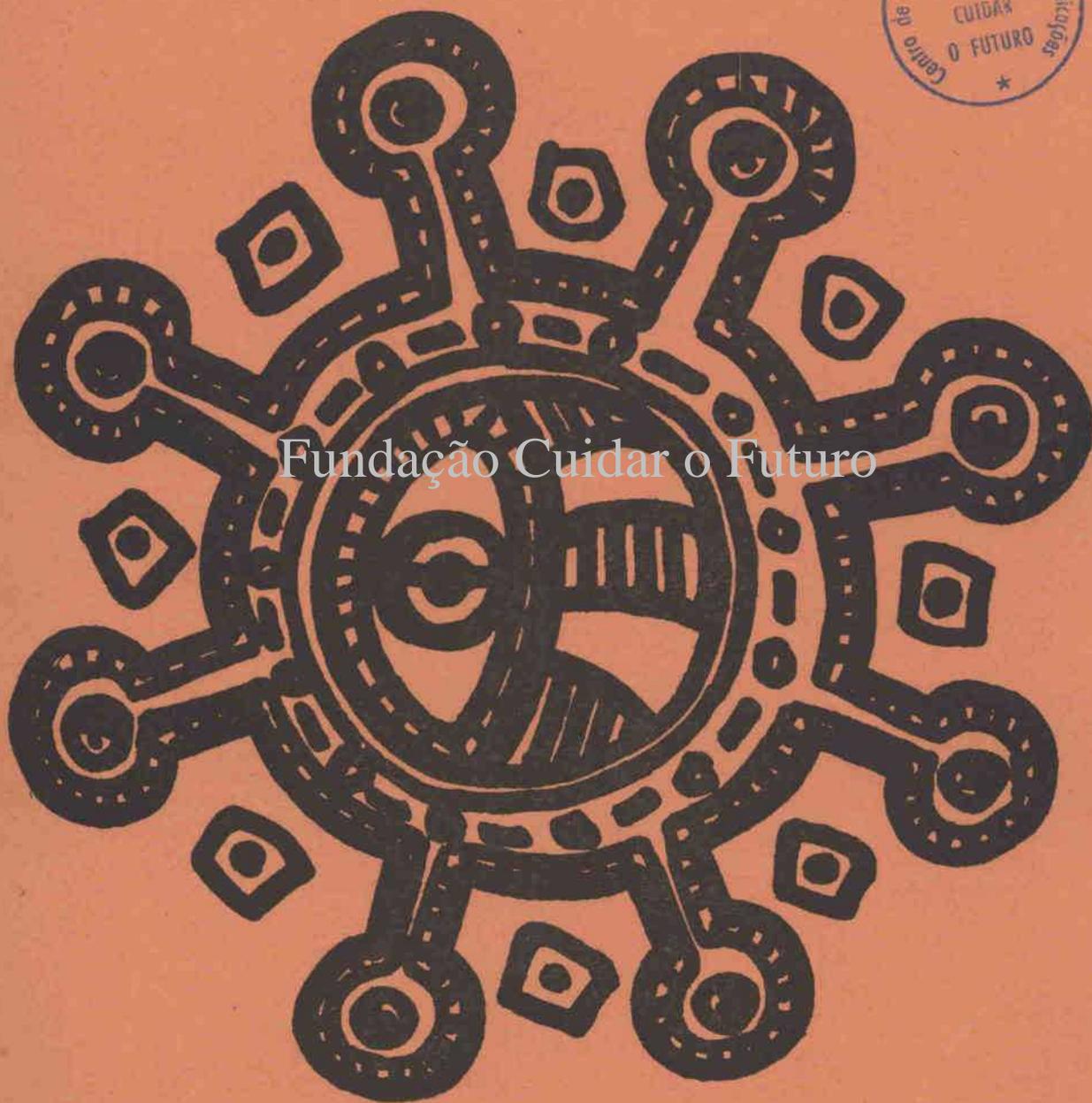


presença



Fundação Cuidar o Futuro

presença

JUNHO DE 1959

Redacção : Av. Duque de Loulé, 90, r/c D.
LISBOA

EDITADA PELA J. U. C. F.
FILIADA NA PAX ROMANA

sumário



sabedoria cristã
Natália Hasse Fernandes

nota litúrgica
Maria Flávia de Monserraz

entrapelia
M. E. L. A.

a recuperação da criança cega
J. Nunes

fauna abissal
Ercília Leitão

um livro por mês
Maria Isabel Mendonça Soares

quando vierem as férias
Cristo, centro das escrituras
Mre. Gabriel Maria O. S. B.

notas de uma viagem à polónia
Maria Luíza Val do Rio

as comunas populares — destruição sistemática das famílias equipas missionárias
Maria Fernanda Abreu Coutinho

a arte de ouvir música
Maria Fernanda Lucena e Valle

ver para pensar
à espera de Godot
Maria Idalina Pereira

27

sabedoria cristã



A Sabedoria cristã supõe uma sabedoria na dupla escala dos valores da ordem natural e da ordem religiosa. Supõe, mas também a supera. Porque além do reconhecer da superioridade dos valores profundos e duradouros sobre os valores de sucesso imediato, e além do reconhecer da supremacia de Deus sobre todos os seres e situações, a Sabedoria cristã é também Sapiência — saborear do conhecimento, da ciência e dos interesses de Deus.

A verdadeira sabedoria não pode pois identificar-se com plenitude intelectual. Os problemas e as soluções do espírito contribuem bastante para ela mas não chegam para a criar nem para lhe garantir a permanência. Mais do que o Sábio, é o Justo quem possui a Sabedoria. Porque ela existe no homem como a verdade de si próprio em relação à Verdade em si mesma e à verdade de todas as coisas. E por isso o comportamento do homem em todas as circunstâncias terá de a reflectir. Sabedoria é vida elevada a conhecimento mas é sobretudo conhecimento feito vida.

Sabedoria é equilíbrio. Inclui prudência e loucura tem um pouco de cálculo humano e muito de liberdade divina. É riqueza humana fecundada pela humanidade, num misto de serena convicção e piedade comovida. Sabedoria é maturidade — atitude em que estaciona dinamicamente a alma do Justo quando nela se encontraram, em cruz e em luz, o conhecimento da grandeza e o reconhecimento da fraqueza de si mesmo e dos seus semelhantes, a noção da complexidade da vida e a intuição da sua unidade. Exige também o reconhecimento da importância da integração da vida exterior e interior do homem na repetição variada das vidas, ou seja, o reconhecimento da necessidade humana do ritmo que atinge na Liturgia a sua máxima expressão.

Sabedoria, Sapiência, é dom do Espírito Santo elevando-nos acima do nosso nível e permitindo-nos mais largas perspectivas. É também, para além do reconhecer da centralidade do Amor de Deus em tudo o que existe de válido, a atenção dos meios pelos quais mais facilmente Ele é encontrado e mais perfeitamente saboreada a Sua intimidade com as nossas almas.

Sapiência é dom prometido pela Ascensão, para que o nosso espírito «tenha a sua morada no céu». É dom, portanto, que devemos pedir no Pentecostes. Seguros de podermos contar com o poderosíssimo auxílio d'Aquela que, pela sua perfectíssima vida de união com Deus mereceu possuir uma visão total do mundo, da vida e dos homens só comparável à visão divina da Trindade. Aquela perante quem ajoelhamos, suplicando:

Sede da Sabedoria, rogai por nós.

NATÁLIA HASSE FERNANDES



nota litúrgica

«E eu rogarei ao Pai e Ele vos dará um outro consolador para que fique eternamente convosco, o espírito de verdade a quem o mundo não pode receber porque não O vê nem O conhece; mas vós O conhecereis porque habitará convosco e estará em vós».

Desceu o Espírito Santo — nasceu a Igreja.

Não interessa dizer mais nada. Interessa ver mesmo até ao fim o sentido destas palavras — «E eu rogarei ao Pai e Ele vos dará um outro consolador». Porque Cristo ressuscitou e está no Pai. Porque nós estamos no Pai com Cristo, pela acção do seu espírito que fica connosco eternamente.

Espírito de verdade, a quem o mundo não pode receber, porque só pode ser visto e conhecido no coração da Igreja.

Espírito que é — a Paz na luta, na turbacão a calma, da nossa dor o único conforto (sequência).

Espírito que é o equilíbrio da alma e a ordem do mundo, porque é o Espírito da Verdade.

Nasceu a Igreja, inserida no mistério da Santíssima Trindade.

Nasceu a Igreja que manterá na terra até que Jesus volte, o reino do Espírito.

O tempo litúrgico que vai do Pentecostes ao Advento, é esta permanência do Reino de Deus entre os homens.

É a longa peregrinação terrestre da Igreja, o caminhar dos filhos de Deus à espera do reino do Pai, em que já participam pela vinda do seu Espírito.

É o tempo da grande expansão da Igreja, do apostolado, dos mártires, dos santos. Tempo de testemunho e de combate, em que fortalecidos pelo Espírito Santo, certos da vida de Deus, os homens levam aos homens o mistério da salvação.

E assim se renova a face da Terra.

MARIA FLAVIA DE MONSARAZ

eutrapelia



Julgo que é das tais palavras que não vêm nos dicionários comuns. Não é nome próprio, tão pouco se trata de qualquer referência topográfica. Também não é uma ciência estranha e misteriosa, mas apenas uma virtude. Uma virtude pura e simples, o que não significa que seja uma virtude insignificante. Pelo contrário, quem diz «eutrapelia» diz uma virtude extremamente rara de encontrar-se, exigente, própria das almas de têmpera, e que pode definir-se imperfeitamente como um «saber recrear-se», ou, noutras palavras, um «sentido autêntico de humor». É, aliás, S. Tomás que no-la refere na sua *Suma Teológica* (II a, II es, q. 168, a, 2).

Supõe qualidades de espírito (a compreensão dos verdadeiros valores, a visão optimista dos homens e da vida) e, sobretudo, uma fé na força do amor de Deus, uma confiança ilimitada na sua consolação. De «eutrapelia» dizia o autor de um artigo que li em tempos:

«... Sem ela, tudo é custoso, árduo; onde ela está presente tudo se torna suave, tudo corre bem. Concilia-nos connosco próprios, o que é um primeiro passo para

a nossa reconciliação com os outros. Concilia-nos também com a vida, as tarefas humildes e os grandes deveres. Os que a praticam, merecem a bem-aventurança reservada àqueles que constroem a paz: «Felizes os pacíficos, porque serão chamados Filhos de Deus.»

«Saber recrear-se», isto é, saber olhar a vida numa atitude de esperança, no mundo burocratizado e triste em que vivemos, é difícil. E não é menos difícil ter uma visão certa e equilibrada do valor das formas práticas de recriação, numa civilização em que o problema dos «tempos livres» assume proporções impressionantes e, pelo complexo de questões de toda a ordem que comporta, merece a atenção particularíssima de moralistas, psicólogos, pedagogos, políticos, economistas e até filósofos.

À civilização do trabalho, que era a de ontem, vai-se sucedendo, a passos agigantados, a civilização do ócio. O facto da industrialização e, hoje, o da automação; a redução progressiva das horas de trabalho; a existência de férias pagas nas classes operárias; a rapidez e multi-

plicação dos meios de transporte, a elevação do nível de vida geral, etc., são causas determinantes do que constitui, nos nossos dias, um verdadeiro fenómeno de massa.

O problema reside, evidentemente, no uso que se dá a esse tempo livre, no modo e na medida da sua ocupação. Quer dizer, importa que o divertimento, o turismo, o desporto, formas comuns de concretização dos tempos livres, sejam dignos do homem.

É, ainda, S. Tomás que afirma a necessidade de um repouso para o corpo — a *recriação* — para refazer as energias gastas no trabalho, e de um *divertimento* — mudança da direcção da atenção — para a alma, a fim de quebrar uma tensão que seria em extremo nociva. Tanto uma como outra não têm o fim em si, mas devem ser orientados para a perfeição da pessoa humana, no corpo e na alma.

Encarado assim, o ócio não está em oposição ao trabalho, não surge entre os dois qualquer dilema irreconciliável. Ócio e trabalho integram-se e complementarizam-se. O primeiro torna possível e oferece condições de plenitude ao segundo, que por ele reassume a sua função justa no conjunto da vida humana. Ócio que, repousando e recreando verdadeiramente as energias físicas e espirituais do homem, o torna apto para um

trabalho criador fecundo. Daí que o repouso seja um dever, e não apenas um direito.

Poder-se-á, agora, perguntar: será autênticamente «humano» o ócio na sociedade moderna, ou comprometerá ele gravemente os valores humanos da perene civilização do trabalho? Eis um problema que talvez nos deixe perplexas e inquietas...

Seria útil reflectir em tudo isto, agora, que se aproximam as férias. É preciso que nós, durante elas, descubramos toda a riqueza contida numa recreação sã, num repouso e num divertimento ao nível das nossas exigências humanas e sobrenaturais. Procuremos a beleza e a simplicidade, a plenitude que dá o silêncio, a comunhão verdadeira com os outros, a busca dinâmica de Deus. Preparemos pelo ócio inteligentemente orientado o trabalho do próximo ano e o encontro connosco mesmas, totais, nesse trabalho e nesse novo esforço criador que nos espera; procuremos, pelo cultivo da intimidade com Deus, a fidelidade, nas horas difíceis, a Deus.

Não será, tudo isto, em última análise, a descoberta da imensa importância da «eutrapelia»?

M.E.L.A.

Não cabe, neste pequeno artigo, dar uma notícia completa sobre Tiflogia, desde os seus primórdios até à actualidade, porquanto, ao fazê-lo, seríamos impelidos para a elaboração de um tratado sobre a especialidade, o que aliás, nunca poderia ser nosso intuito. Todavia, a fim de tornar mais compreensivo o movimento «recuperatório» dos cegos, cujos ecos, ainda ténues, transbordando as nossas fronteiras, chegam até nós como lento afastar de uma nuvem que cobre o panorama da Tiflogia Portuguesa, antes de focarmos o assunto propriamente dito que nos serve de epígrafe, não podemos deixar de citar os passos mais importantes, e em muito ligeira passagem, no sentido de dotar os invisuais de instrução e meios de trabalho, factores estes que constituem razão poderosa para a independência que, de certo modo, hoje vêm usufruindo.

Antecipando-nos a quem um dia pretenda escrever a «História da Tiflogia Mundial», prevêo que adoptaria mais ou menos o nosso critério, dividiremos a Tiflogia em quatro períodos ou épocas.

Assim, teremos o 1.º período que decorre entre os anos de 1517 a 1784, o qual denominaremos por «Período Primordial». Durante o perpassar destes três Séculos incompletos, realizam-se várias tentativas — ou experiências —, destinadas a dar aos cegos um processo de leitura, isentando-se a escrita, e consistindo na gravação, por meio de estiletos, de letras em tábuas cobertas de cera. Segue-se a esta, a de tallar séries de caracteres em madeira ou, ainda, a fundição de letras em chumbo, estanho, ou metal, e muitas outras que, como as apontadas, não deram resultados satisfa-

J. Nunes foi um dos primeiros alunos do Instituto de Cegos Branco Rodrigues, situado entre S. Pedro e S. João do Estoril. Ali ensina piano actualmente. Cegou aos quatro anos de idade e tem agora sessenta e quatro, dedicando-se ao ensino há mais de trinta anos. Deu recitais, foi concertista e tirou no Conservatório o curso de Virtuosidade (hoje extinto) no qual foi classificado com vinte valores. É também autor do livro «Os cegos por esse mundo». Recentemente, entregou-se ao estudo de um projecto de sua autoria para uma Biblioteca em Braille, projecto que alguns professores do Instituto estão agora interessados em levar a cabo. Trata-se de uma biblioteca em plano nacional que, além de fornecer livros para a Metrópole e Ultramar, pretende ainda organizar cursos acessíveis e pôr à disposição de cegos, que já não tenham tacto bastante para a leitura Braille, o livro falado (gravado em fita magnética). A Bibliotheca teria também um grupo de estudo permanente, sempre em contacto com escolas de recuperação de cegos estrangeiras, com o fim de actualizar as soluções dos nossos problemas. Os fins duma Bibliotheca assim concebida afiguram-se pois importantíssimos, sobretudo se tomarmos em conta a necessidade de proporcionar aos invisuais outros meios de realização pessoal e profissional, para além da tradicional carreira de músicos para a qual, evidentemente, nem todos são dotados.

Mas para o projecto vir a ser aprovado são precisos fundos. E ainda não existe o número suficiente de ofertas generosas para esse fim. Será preciso também que muitas pessoas se ofereçam para transcrever nas suas casas livros em Braille para a Bibliotheca. E visto que o alfabeto Braille se pode aprender muito facilmente o que é preciso, sobretudo, é muita disponibilidade.

Depende um pouco de cada um de nós esta realização de tanta urgência.

É um caso de Justiça social; a caridade deve ser a primeira a afirmá-lo. E nós cristãos, sabemos que a verdadeira caridade é solícita...

a recuperação da criança cega

por J. NUNES



tórios, registando-se, apenas, o facto da boa intenção dos seus realizadores e o poderem ser considerados como subsídios para a «Tiflografia».

O segundo período, que denominaremos «Período Evolutivo», decorre a partir do ano 1784 até 1914, e caracteriza-se pela criação da primeira Escola para Cegos, em 1784, por Valentin-Hauy, em Paris, cujo ensino, também destinado somente à leitura, era ministrado por meio de grandes caracteres comuns, fortemente impressos no papel, a fim de deixar relevo suficiente e, deste modo, se tornarem reconhecíveis ao tacto. Mas, em 1825, e certamente por divina inspiração, um aluno da Escola de Hauy, de nome Luís Braille, inventou o valioso sistema que leva o seu nome, baseado no «ponto saliente», sistema este que, até à data, é considerado insubstituível, sendo adoptado em todos os Países das cinco partes do mundo.

Com a descoberta do sistema Braille, pela sua simplicidade e maleabilidade, criaram-se, não só em França, como aliás em todos os outros Países, até esta data, numerosas Instituições Tiflológicas. Surgiu o «Livro em Relevo» — no sistema Braille —, surgiram as tipografias Braille, as grandes e numerosas bibliotecas; os mapas em relevo; as máquinas de dactilografar o Braille; e, enfim, um sem número de aparelhos e objectos necessários ao uso dos não visuais. O ensino intelectual, o ensino artístico e profissional, começam, embora indecisamente, a tomar forma e a intensificar-se. Atingido o primeiro decénio do século XX, já os educandos dos institutos especiais podem escolher, segundo a sua vocação, a cultura e a arte, o profissionalismo intelectual ou laboral que lhes aprouver. Enfim, este pode ser considerado como período da grande evolução, a qual vem a estabilizar-se em 1914, vislumbrando já o caminho de uma nova era.

De 1914 a 1918, abre-se um interregno provocado pela primeira conflagração mundial que, além das devastações causadas, vidas ceifadas, acrescenta, ao já existente, um avultado número de cegos, constituin-

do um pesado problema na vida económica de cada País. Inicia-se, então, e a partir de 1918 até 1939, o terceiro período: o da «Reeducação». No decorrer destes anos, desenha-se um grande movimento de solidariedade humana, concretizado pela criação de «Centros» culturais e profissionais, os quais, conjugando a sua acção com os Estabelecimentos especiais, cuidam da reeducação e da readaptação dos lesionados, vindos dos campos de batalha, em primeiro lugar, e tornando extensiva a sua acção, passado algum tempo, a todos os cegos em geral. Este movimento de «reeducação» e de «readaptação» incrementa-se dia a dia, acompanhando o progresso que os homens de Ciência e a engenharia vinham impondo como único meio de afastar a catástrofe. Em grito unísono, foi lançado um apelo aos intelectuais, às grandes empresas, ao comércio, à indústria, no sentido de admitirem nos seus serviços, os cegos reeducados e readaptados. Os Estados Unidos foram na vanguarda, recebendo nas repartições públicas, consoante as suas aptidões, grande número de não visuais; seguiram-se-lhes as empresas, os escritórios comerciais, as fábricas. Todos os centros laboriais, enfim, se uniram a este movimento, contribuindo generosamente para o saldo de uma dívida, da qual eram credores aqueles que, por um dever cumprido, ficaram marcados pelo duro ferrete das trevas perpétuas.

Isto não obsta, entretanto, a que de 1939 a 1945, surja novo interregno, em virtude da própria conflagração, já que paralizam todas as actividades tiflológicas. Mas a partir de 1946 inicia-se o quarto período, cujo final se ignora, caracterizado pela integração do indivíduo fisicamente diminuído, em massa, no campo social. Este período, quanto a nós, será conhecido por período de «Recuperação». Embora já no último decénio do período anterior a recuperação dos cegos fosse um facto, é, no entanto, a partir de 1947 que ela mais se acentua e toma vulto, pisando terreno seguro, com mais liberdade de acção, em novas e amplas perspectivas, para ir, estejamos certos, até ao imprevisível.

Se entendermos por «recuperação» a valorização do individuo fisicamente diminuído — tratando-se, neste caso, dos cegos —, como elemento activo no campo social, ou melhor dizendo, na vida da Nação, entender-se-á, também, que, perante os sucessos alcançados, essa recuperação venha a ser preconizada, como de facto já se verifica por esse mundo, desde a infância. Assim, e sem termos à mão quaisquer dados recentes sobre os processos a adoptar na recuperação infantil, aventuremo-nos, sem pretensões, ao que, a tal respeito, nos é dado sugerir.

A criança cega deve começar a sua recuperação no meio familiar e desde a mais tenra idade. Anotaremos aqui, sem que isso constitua um libelo acusatório, o prejuizo causado a essas crianças pelos exagerados cuidados dos pais, impedindo que a criança se mova à sua vontade de um para outro lado, com receio de que caia, se aleje, quando, afinal, esses cuidados só poderão contribuir para o seu atrofiamiento. Devem ensiná-la a andar, tal como à que tem vista; deixá-la procurar o seu caminho, através de todos os obstáculos que possa encontrar.

Deve proporcionar-se-lhe muitas ocasiões para brincar, mostrando-lhes os brinquedos vulgarmente usados, dizendo-lhe os nomes e explicando-lhe para que servem. Assim, a criança, brincando, irá desenvolvendo o sentido táctil que vem a ser, afinal, a sua vista. Cumpre proporcionar-lhe também todas as ocasiões para que a criança brinque com outras crianças dotadas de vista. É preciso ensinar-lhe jogos, ensiná-la a correr, e, enfim, cuidar dela como dum visual.

Quando no meio familiar não houver cultura, compreensão, e os pais não forem materialmente abastados, seria para desejar, que uma grande parte desta recuperação infantil fosse realizada através de «Assistentes Sociais» ao domicílio. Não esqueçamos, também, que é necessário ensinar a criança a vestir-se e a despir-se sòzinha, a lavar-se, a pentear-se, a assoar-se, e enfim tudo o que diga respeito a si própria.

Ensiná-la a comer sem auxilio de ninguém, a servir-se da colher, do garfo e da faca, é também muito importante.

Quando atingir a idade de frequentar a escola, deve procurar-se a sua admissão numa escola especial.

Nessas escolas especiais, seria para desejar a existência do «Jardim da Infância», onde poderiam ser admitidas crianças cegas a partir dos três anos, como externas ou internas, consoante as possibilidades familiares. Ai, seria talvez feita a sua recuperação mais completa e mais suave. Brincando, tacteando objectos, coisas pertencentes aos reinos da Natureza, semeando ou plantando flores, a criança habituar-se-ia a tomar um contacto mais completo com o seu novo mundo.

Numa aula de educação dos sentidos, ministrar-se-iam variados exercícios bem sistematizados, e por forma agradável, no intuito de aperfeiçoar o tacto, o ouvido, e o olfacto.

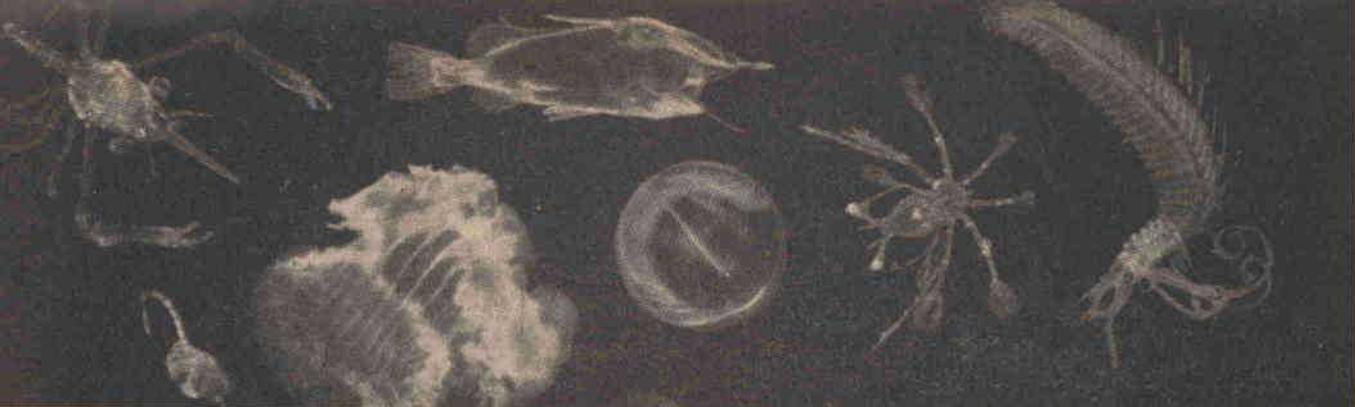
Seguidamente, daria entrada numa classe de apreensão de imagens, das quais a criança deveria receber o maior número possível, e tentar reproduzi-las, modelando-as em barro ou qualquer outra matéria plástica.

A aula de gestos e costumes, seria, a nosso ver, indispensável. A criança cega não pode imitar, como a que vê, qualquer gesto, qualquer atitude; torna-se necessário, portanto, explicar-lhe a boa postura e tudo o mais que aos gestos e costumes diz respeito. É para não fatigar a criança, a hora do recreio ou das refeições seria mais apropriada a este ensino.

Não queremos terminar estas linhas sem deixar aqui uma nota curiosa que, neste momento, nos vem à memória. Trata-se de uma profecia, talvez diremos, até, de uma visão legada à posteridade e escrita no último quartel do século XIX, por Victor Hugo, grande poeta e filósofo, encerrada neste pensamento, pelo qual, previu a «recuperação dos cegos»:

«L'aveugle voit dans l'ombre, un monde de clarté; quand l'oeil s'éteint, l'esprit s'allume!...»





FAUNA ABISSAL

Os Continentes e as Ilhas prolongam-se sob o mar, formando como que uma plataforma até à profundidade de 200 m. Abaixo dos 200., verifica-se um brusco desnível — o chamado «talude marinho» —, com profundidades que vão de 1.000 m. a 10.290 m. (*) constituindo os chamados *fundos abissais*, verdadeiros abismos submarinos, só há pouco desvendados, e que revelaram a existência de espécies animais de formas estranhas — como se, de súbito, se nos deparasse um outro Mundo, onde reinam a Fantasia e o Exotismo...

No entanto, uma observação cuidada prova (por vezes) que — pelo menos nalguns casos — estas espécies pertencem afinal a famílias bem conhecidas da fauna da superfície marinha, tendo as condições de existência modificado alguns dos seus órgãos.

Pensou-se, durante muito tempo, que para além dos 450 m. de profundidade, não existia vida nos mares; mas esta linha de convicção deixou de se manter a partir das investigações de MILNE EDWARDS; e, posteriormente, veio mesmo a verificar-se a existência da vida a profundidades superiores a 8.000 m.

Sabemos hoje que, no que concerne, é entre os 200 e os 2.000 m. que existe a maior quantidade de animais abissais, como os grandes *cefalópodes* — lulas gigantes e outros — de voracidade extraordinária. Abaixo dos 2.000 m., a vida torna-se rara. Encontram-se *esponjas* a 3.500 m.; no entanto os verdadeiros habitantes do abismo são os *hexactinélidos*, que o compartilham com as *astérias* e as *medusas*.

O que regula a existência dos animais à profundidade é a *penetração das radiações luminosas*. As radiações solares são absorvidas pelas águas. Desta forma, desaparecem primeiro as de grande C.O. (*): a 40 ou 50 m. mantêm-se as radiações azul e violeta, resultando uma meia-obscuridade crepuscular. Para além dos 1.000 m. persistem, somente, as radiações ultravioletas — que, no entanto desaparecem a partir dos 1.700 m.

Como resultado desta ausência de luz, surgiram modificações nos órgãos da visão destes seres abissais, facilitando uma maior acuidade sensorial.

Deu-se também o aparecimento de órgãos fosforescentes, a que os cientistas dão interpretações diversas. Segundo alguns, esta fosforescência permite o reconhecimento dos machos pelas fêmeas, e vice-versa, pois cada sexo usará uma forma luminosa própria (*). Segundo outros, esta fosforescência serve unicamente para iluminar as presas.

Este aspecto do problema da fauna abissal tem, realmente, levado a diferentes conclusões; até mesmo pelo facto de existirem nessa fauna submarina espécies cegas que são, muito embora, fosforescentes!

Antigamente não se compreendia bem a vida em comum dessas espécies cegas com outras de órgãos visuais bem desenvolvidos, tendo-se até suposto que os animais da profundidade possuíam olhos em via de regressão, devido ao meio. No entanto hoje admite-se, pelo contrário, que esses animais cegos ou quase cegos perderam os olhos por uma mutação e procuraram a profundidade para abrigo.

Nessas espécies surgem, em ordem de compensação, as antenas (nos *crustáceos*) ou outros órgãos tácteis. Um peixe da ordem dos *Pediculados* (*Sasiognathus Saccostoma*) possui um apêndice, que lembra uma cana de pesca, terminando numa espécie de anzol recurvado com um bulbo luminoso na extremidade,

esse bulbo atrai as presas, que acabam por cair na boca do peixe, por um movimento brusco do apêndice referido.

Outro efeito da obscuridade nestas regiões oceânicas, é a ausência completa de vida vegetal — o que se compreende, se considerarmos a carência dum elemento indispensável: a luz solar. Em consequência desse facto, os peixes abissais são carnívoros, destruindo-se mutuamente ou, ainda, alimentando-se dos animais que vão caindo dos estratos superiores.

Outro facto de grande importância (além da ausência de luz solar) é necessário referir, porquanto lhe cabe um papel predominante na constituição orgânica destes seres submarinos: — é a **pressão**. Basta notar que a 1.000 m. a pressão é de 10,850 kg/dm². Nestas condições de meio, os animais estão saturados de água, e os gases, que possuem interiormente, vão mantendo a pressão constante, de dentro para fora — o que estabelece, assim, um equilíbrio com o exterior. Se acontece um destes animais subir a uma camada mais próxima da superfície, das condições de meio diferentes que encontra resultam-lhe transtornos orgânicos. Aponto o exemplo dum peixe pescado à profundidade de 4.789 m. (1) que, ao vir à superfície, trazia o estômago fora da boca — como consequência da expansão dos gases interiores.

A **temperatura** nestas regiões submarinas é um outro ponto de interesse. Pode oscilar entre 7 graus positivos e 2 graus negativos, consoante a influência de correntes marítimas mais próximas (2).

Supõe-se que no fundo do Oceano Atlântico a temperatura seja de 1 grau centígrado (3).

O **fundo** das regiões abissais apresenta-se, geralmente, coberto por uma *vasa pastosa*, de natureza argilo-calcárea. Os animais que aí permanecem (*Esponjas, crinoides, tunicados*) têm um largo pedúnculo que atravessa essa capa lodosa.

Muitos desses animais que permanecem nesta lama pastosa, são — por esta razão ou por outra — incubadores, não deixando ao acaso os ovos, que se destruiriam na lama. É o que acontece com certas espécies de *holotúrias*, que possuem, nas espículas, bolsas especiais onde conservam os ovos; e há um crustáceo (**Arcturus Baffini**) que os transporta nas suas antenas.

Mas esta capa lodosa dos fundos abissais é também rica em matéria orgânica, havendo *equinodermes* que se sustentam dela.

A falta de movimento da água, por outro lado, obriga os animais a procurarem o seu sustento.

Isto explica que não se encontrem nessas regiões *políporos* em colónias, como é vulgar, mas antes solitários, providos de um largo pé móvel. Também os *moluscos* têm, devido a esta quietude, formas largas e frágeis (4), alcançando tamanhos extraordinários (5).

Decerto muito ainda nos poderá ser revelado no futuro quanto ao «habitat» e às formas da curiosa fauna abissal. As investigações prosseguem em ritmo cada vez maior, desvendando, passo a passo, pormenores de interesse científico quanto à *zoologia*, à *ecologia* e à *geologia* deste «mundo do silêncio» — que, há um tempo atrás, encerrava em mistério a maravilha do seu inesperado.

ERCILIA EMA D'OLIVEIRA LEITAO

(1) Como acontece na fossa das Filipinas.

(2) C.O. = comprimento de onda.

(3) A luz seria assim como a cor dos animais da fauna da superfície.

(4) Portanto com mais de 200 atmosferas de pressão.

(5) Mas a estabilidade da temperatura é uma característica das regiões da grande profundidade.

(6) Positivo.

(7) Devido à tranquilidade, têm conchas muito finas e pouco resistentes, ao contrário do que sucede em espécies das costas. Noutros animais dessas regiões abissais, encontram-se corpos diáfanos e gelatinosos.

(8) Na generalidade dos casos, as espécies abissais têm formas muito ampliadas, em relação às espécies correspondentes das águas superficiais. Assim foi encontrado em região abissal (a 2.270 m.) um esquizópode gigante medindo 25 cm. enquanto que os esquizópodes vulgares (das águas superficiais) são de dimensões muito reduzidas.



um livro por mês

Por muito paradoxal que se nos afigure, poderá dizer-se sem grande margem de erro que o universitário, e o diplomado mesmo, lêem pouco.

O adolescente consome na sua voracidade, menos intelectual que emocional, dezenas de livros por ano, quem sabe se por mês; o adulto do meio popular, verdadeiro adolescente ainda na vida intelectual, deslumbrado perante o mundo da Cultura que entrevê, absorve sôfregamente toda a espécie de ficção sentimental ou de aventuras, e galga as fronteiras do Saber, tomando o espresso da divulgação científica na ânsia de alcançar pela autodidáctica aqueles que, nascidos em melhores condições económico-sociais, fizeram a viagem sem pressas, sem transbordos tumultuosos, com lugar marcado ao lado da janela.

Em contraste flagrante, nós que constituímos em maioria essa classe de

privilegiados, esquecemos quanta vez a feliz oportunidade que nos foi gratuitamente concedida, e, ou porque adquirimos a falsa convicção de «ter chegado», ou porque nos deixámos enganar já na técnica profissional, raramente regressamos ao convívio do livro que não seja de especialização estrita.

Alguns — ainda — sentimos angustiadamente essa ausência, e ao pararmos, por escassos instantes, em frente às montras dos livreiros queixamo-nos dos programas esmagadores, das horas que aceleram o ritmo de bailado até adquirirem velocidades supersónicas, das tarefas profissionais e familiares que nos incumbem, e culpamos tudo e todos pelo atraso que levamos em relação ao movimento editorial do mundo.

Fazemos então projectos, tomamos resoluções, organizamos listas onde figuram os títulos mais sugestivos e os



nomes mais em voga do pensamento contemporâneo. Os bons propósitos de uns enraízam e frutificam; os de outros morrem estiolados, sem passar muito além da intenção.

El de novo se lança a culpa às actividades absorventes, quando com mais forte razão deveríamos acusar-nos pela nossa falta de método em risco de se tornar incurável. Pois quem haverá aí de tal modo submerso em trabalho ou estudo que não consiga ler UM LIVRO POR MÊS? Assim, com a base de doze bons livros por ano, começa uma possibilidade de actualização séria da nossa cultura.

Porque importa que o universitário se não queira equiparar ao **snob** que lê indiscriminadamente todas as últimas novidades publicadas apenas «para estar em dia», para poder alardear que conhece tal e tal autor, esta e mais aquela obra literária. Ao universitário não interessam aparências, mas uma apreciação justa, fundamentada num

critério que se tornou pessoal, sim, mas que foi primeiramente estruturado em princípios imutáveis de ordem moral e estética.

Reveja cada um de nós (se o tem...) o ficheiro das suas leituras; faça minuciosamente o inventário da sua biblioteca pessoal. Talvez que os resultados dêem sinal de uma pobreza cultural grande... Pouco importa. De esferográfica em punho, renovem-se propósitos e listas mas sabendo escolher. Reserve-mos ciosamente um lugar para os nossos autores predilectos. É bom tê-los; são amigos que nos falam através do tempo e do espaço, companheiros que se reencontram sempre com alegria. E travemos novos conhecimentos, amizades novas.

À beira das férias grandes soa agora para nós uma dessas horas de graça. Aproveitá-la?... Desperdiçá-la?... Só de nós depende.

Maria Isabel de Mendonça Soares

Quando vier

LEITURAS

Será a altura de pormos em dia leituras que gostaríamos de ter podido fazer durante o ano ou procurar contactos mais profundos com alguma obra de vulto ou algum autor mais apreciado.

No ficheiro bibliográfico da Presença, estão criticadas mais de uma centena de livros os quais, por uma razão ou por outra, vale a pena ler.

Na Presença n.º 15 foi publicado um artigo acerca da forma de aproveitar da leitura.

VIAGENS AO ESTRANGEIRO

Em vez de um simples passeio uma viagem organizada. Eis algumas possibilidades:

Suíça — Encontro Internacional para a Europa, organizado pelo Secretariado Europeu de Pax Romana em Genebra de 6 a 12 de Agosto, com o tema «A unidade europeia («a comunidade das nações») das estudantes na Europa Ocidental e Oriental.

— Campo de estudantes organizado pela Federação dos Estudantes Católicos em Seedorf no lago de Lucerna, de 30 de Setembro a 17 de Agosto, com o tema «O cristão e a literatura contemporânea».

Itália — Em Turim, Congresso Nacional da FUCI (Federação de Universitários Católicos Italianos) de 1 a 6 de Setembro.

Em Camalotoli, Semana de Teologia em data a fixar do mês de Julho.

Alemanha — Peregrinação a Trêves à Sagrada Túnica durante os meses de Julho, Agosto e Setembro (19 de Julho a 20 de Setembro).

— Em Salzburgo, Encontro Internacional de Amizade. Para este encontro a Direcção Nacional da J.C.F. organiza uma viagem de 6 a 28 de Agosto com visita a Paris, Colónia, Viena e Lourdes (preço: 4.900\$00).

A Direcção Geral da J.U.C.F. que está em contacto com movimentos universitários do mundo inteiro pode dar outras indicações úteis.

MISSÕES

A semelhança dos anos anteriores a JUCF organiza missões em várias terras descristianizadas. Estão a preparar-se equipas para a Fajarda, Pegões, Marinha Grande e Balazaima.

Ver neste número o artigo sobre Equipas Missionárias

em as férias



CAMPOS DE FÉRIAS

Organizados pela D. G. da J.U.C.F. realizam-se os tradicionais Campos de Férias. Este ano, no Ramalhão e no Sardão, de 29 de Julho a 4 de Agosto com o tema «A rapariga universitária perante as exigências do mundo de hoje».

É oportunidade única de uma vivência cristã, de contacto com universitárias dos três centros, de estudos de temas de interesse indiscutível para uma cultura universitária cristã.

Fundação Cuidar o Futuro



←

Mais livres de preocupações de estudo e de exames, deixemos que, nestas férias, os nossos ouvidos se não fechem à pergunta:

«que fizeste do teu irmão?»

Quando vierem as férias



LEITURAS

Será a altura de pormos em dia leituras que gostaríamos de ter podido fazer durante o ano ou procurar contactos mais profundos com alguma obra de vulto ou algum autor mais apreciado.

No ficheiro bibliográfico da Presença, estão criticadas mais de uma centena de livros os quais, por uma razão ou por outra, vale a pena ler.

Na Presença n.º 15 foi publicado um artigo acerca da forma de aproveitar da leitura.

VIAGENS AO ESTRANGEIRO

Em vez de um simples passeio uma viagem organizada. Eis algumas possibilidades:

Suíça — Encontro Internacional para a Europa, organizado pelo Secretariado Europeu de Pax Romana em Genebra de 6 a 12 de Agosto, com o tema «A unidade europeia e a comunidade das nações» das estudantes na Europa Ocidental e Oriental.

— Campo de estudantes organizado pela Federação dos Estudantes Católicos em Seedorf no lago de Lucerna, de 30 de Setembro a 17 de Agosto, com o tema «O cristão e a literatura contemporânea».

Itália — Em Turim, Congresso Nacional da FUCI (Federação de Universitários Católicos Italianos) de 1 a 6 de Setembro.

Em Camalotoli, Semana de Teologia em data a fixar do mês de Julho.

Alemanha — Peregrinação a Trêves à Sagrada Túnica durante os meses de Julho, Agosto e Setembro (19 de Julho a 20 de Setembro).

— Em Salzburgo, Encontro Internacional de Amizade. Para este encontro a Direcção Nacional da J.C.F. organiza uma viagem de 6 a 28 de Agosto com visita a Paris, Colónia, Viena e Lourdes (preço: 4.900\$00).

A Direcção Geral da J.U.C.F. que está em contacto com movimentos universitários do mundo inteiro pode dar outras indicações úteis.

MISSÕES

À semelhança dos anos anteriores a JUCF organiza missões em várias terras descristianizadas. Estão a preparar-se equipas para a Fajarda, Pegões, Marinha Grande e Balazaima.

Ver neste número o artigo sobre Equipas Missionárias

CAMPOS DE FÉRIAS

Organizados pela D. G. da J.U.C.F. realizam-se os tradicionais Campos de Férias. Este ano, no Ramalhão e no Sardão, de 29 de Julho a 4 de Agosto com o tema «A rapariga universitária perante as exigências do mundo de hoje».

É oportunidade única de uma vivência cristã, de contacto com universitárias dos três centros, de estudos de temas de interesse indiscutível para uma cultura universitária cristã.



←
Mais livres de preocupações de estudo e de exames, deixemos que, nestas férias, os nossos ouvidos se não fechem à pergunta:

«que fizeste do teu irmão?»

já uma nação mas uma comunidade religiosa. A esperança do Messias, apesar de tudo, não morreu. Quando chegar o que a Escritura chama «a Plenitude dos tempos», Jesus aparece na terra. Vem como o Messias nacional do povo judaico, como Filho de David, como Profeta. Realiza na sua pessoa todos os traços que dele haviam revelado os Profetas.

Muitas vezes quando lemos a Bíblia, somos como os discípulos de Emaús: «espíritos sem inteligência, lentos em crer». Seria preciso que Jesus em pessoa se aproximasse e, fazendo caminho connosco, desvendasse a nossos olhos a realidade escondida em imagens. «E COMEÇANDO POR MOISÉS E PERCORRENDO TODOS OS PROFETAS, ELE INTERPRETOU-LHES NAS ESCRITURAS TUDO O QUE A ELE DIZIA RESPEITO». Descobrimos as Escrituras, guiados por um tal mestre, também nós sentiríamos «O CORAÇÃO A ARDER» (Luc XXIV, 32).

Todavia, não somos menos privilegiados do que os discípulos de Emaús. Continua o ensino de Cristo a ser repetido às nossas almas pelo Espírito Santo. E nós vemos que é sua preocupação constante mostrar a continuidade das duas Alianças e a plenitude e total cumprimento da primeira na segunda... na sua própria Pessoa.

Ao longo de toda a sua Paixão, Cristo não deixa de salientar que obedece ao plano do Pai revelado nas Escrituras: «COMO SE CUMPRIRAM AS ESCRITURAS DOS PROFETAS» (Mt XXVI, 54-56).

Poder-se-iam citar muitos outros exemplos. Todos mostram que é preciso ler o Novo Testamento à luz da profecia do Antigo, como é preciso ler o Antigo na perspectiva do Novo. Só assim surgirão, em plena luz, e continuidade, a unidade, a riqueza espiritual do pensamento e da obra divina.

CONVERGÊNCIA para Cristo. CONTINUIDADE das suas alianças. REA-

LIZAÇÃO PLENA em Cristo. Resta salientar um aspecto: a novidade do fermento trazido por Jesus — a TRANSCENDÊNCIA da sua mensagem. Cristo não se apresenta apenas no termo da evolução histórica e doutrinal do Antigo Testamento: transcende-a de tal modo que lhe muda a perspectiva. No Novo Testamento, Jesus faz-nos dar um enorme salto para nos erguer à altura da sua mensagem, à altura das suas promessas. Há nos escritos do Novo Testamento uma plenitude. Embora, a maior parte das vezes, repletos de alusões a toda a preparação secular que foi o Antigo Testamento, de repente, toda esta preparação atinge a sua maturidade perfeita... e nós tranpomos assim um abismo. A Aliança nova já não é feita com vista à terra prometida ou à felicidade puramente humana. Ou melhor, esta terra prometida, esta felicidade que Jesus traz à expectativa humana é Deus; é o «Reino» interior e celeste em que Jesus nos faz entrar; é esta vida divina que nos faz filhos de Deus.

No Novo Testamento, Cristo é, porém, infinitamente mais que um termo. Ele é o ponto de partida de um caminho que vai perder-se nos céus. A Redenção ficou completa mas deve estender-se. Vivemos no tempo da evangelização «o tempo da paciência de Deus», em que a Igreja, mergulhando nas riquezas dos mistérios de Cristo, se constrói, se edifica... até ao dia em que «CRISTO TIVER TUDO A SEUS PÉS» e «FOR TUDO EM TODOS».

E nós reencontraremos, assim, a fonte donde tudo provém e para onde tudo converge: o desígnio do amor do Pai, servindo toda a humanidade em CRISTO JESUS. A contemplação das grandes obras de Deus, através da história, e do passado, e do presente e do futuro, faz-nos mergulhar na adoração. «Ó ABISMO DA RIQUEZA, DA SABEDORIA E DA CIÊNCIA DE DEUS» Rom 11-13.



Gabriel Marie O.S.B.

NOTAS DE UMA VIAGEM Á POLÓNIA

DE RABKA AO DUNAYEC

* * *

Chovia quando chegámos. O comboio partira de Varsóvia às dez horas da noite e chegara às sete da manhã a Rabka. Metemo-nos numa espécie de tipoia que nos conduziu ao portal da casa, encimado por pequeno telheiro que abrigava a Virgem, num nicho piedosamente florida.

Entrámos em casa — uma bela construção montanhosa em traves de madeira dispostas ao atravessado, unidas por corda. A porta, trabalhada e ornada de pregos de pau facetado, abriu-se e deixou ver o interior revestido da mesma madeira de um castanho quente, quase dourado.

Do interior irromperam vozinhas frescas e alegres: — Tatusiu! (1)

Junto da mãe, duas pequenitas muito loiras e lindas (como anjos, esperavam impacientes a chegada do pai.

A chuva tinha passado. Abri a porta. À minha frente estendia-se a floresta, de abetos enormes, com os troncos de um tom escuro avermelhado. Hirtos, silenciosos, austeros, pareciam monges a meditar. Havia no silêncio da floresta não sei que mistério irresistível. Corri para ela, saltei por cima da relva molhada e entrei devagarinho, com medo de perturbar,

Um pouco à frente, um esquilo saltava de ramo em ramo, abanava a cauda, corria ao chão, apanhava bolotas e tornava a trepar. Ao longe um riacho rasgava o silêncio para me vir contar velhas lendas. Ali me fiquei a ouvi-lo, esquecida do tempo e... dos pés molhados.

Depois de algumas horas de camioneta e de carro de aluguer, parámos em Niedzica. Dois montes sobranceiros olhavam-se em modos de desafio, cada um ostentando diante do rival o seu velho castelo, testemunho das glórias de um passado. A floresta abafava as asperezas dos dois contendores. Em baixo corria o Dunayec. Nas margens, pachorentamente, alguns barqueiros preparavam a sua faina, vestidos de calças brancas bordadas aos lados a matiz de cores garridas e com chapéus de feltro preto de aba caída e copa redonda, cingida por estreita grinalda de conchinhas brancas. Depois de juntarem quatro estreitas canoas, amarraram-nas, vedaram as frinchas com ramos de abeto, cobriram com os mesmos ramos a proa da barçaça assim obtida e colocaram tábuas ao atravessado, para assento dos passageiros. Instalámo-nos dentro, o mais comodamente possível.

Um barqueiro à proa, outro à pópa, cada um armado de comprido pau, faziam avançar o barco num leito pouco fundo, rico de peixes, pedras e rápidos.

Percorremos o afluente do Vístula durante cerca de quatro horas. Umaz vezes devagar, como se estivéssemos num lago amplo, de águas paradas; outras vezes, em corrida vertiginosa, entre os os cachões do rio contra as pedras que emergiam de um lado e do outro da estreita passagem por onde o barco se escapava.

As margens a pouco e pouco foram subindo, formando uma garganta cada vez mais funda. As «Trzy Korony» (2) já mal podiam espreitar por cima dos

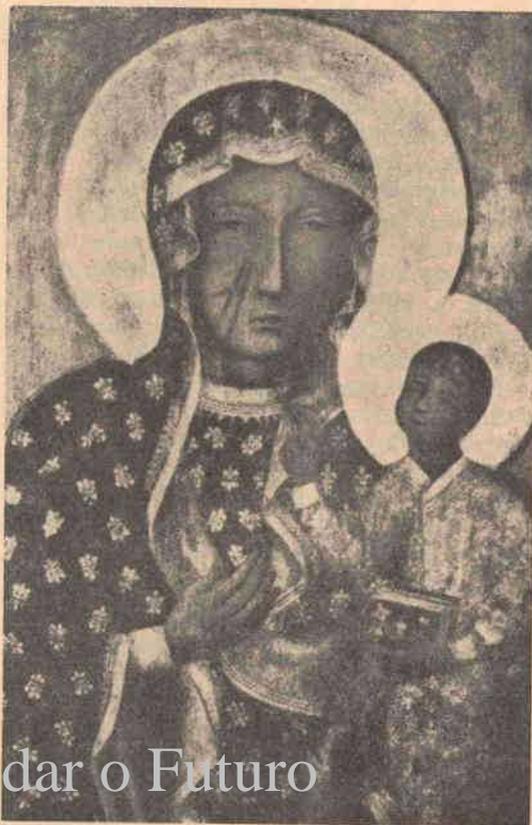


flancos dos montes, que de um lado e do outro do Dunayec se alteavam sempre mais, sempre mais próximos e mais abruptos. Nas vertentes, as raízes e os troncos das árvores misturavam-se, emaranhavam-se caòticamente. A folhagem tomava riquíssimas tonalidades de verde, amarelo, rosa, lilás, vermelho e castanho, projectando nas águas reflexos de arco-íris. O outono reservara para este incomparável recanto da terra as suas mais puras e surpreendentes cores.

Atrás de mim alguém cantava canções do folclore polaco. Não sei de que falavam. Mas parecia-me ouvir contar — seriam as canções ou as águas do rio? — que Deus, ao criar o mundo, deixara cair o seu mais belo olhar no Dunayec das mil cores. E o olhar ficou para sempre a reflectir-se no rio.

ATÉ CRACÓVIA

De Rabka tomámos autocarro para Cracóvia. Pelo caminho sucediam-se os montes retalhados de longas fitas coloridas de terra lavada, dando a impressão de uma imensa manta alentejana a cobri-los. Pelos campos ceifados espalhava-se uma verdadeira multidão de «stogi»⁽³⁾. Lembravam uma peregrinação de camponesas pensativas, paradas naquele instante para olhar com ternura a fecundidade da terra. De vez em quando as florestas invadiam toda a extensão abarcada pela vista até alcançarem a margem da estrada. E aí se ficavam estáticas e meditativas, deixando escorrer dos seus cimos ponteagudos, pesados troncos de verdura que alargavam suavemente para baixo e para os lados. Avistei algumas capelinhas medievais, simples e recolhidas, todas de madeira enegrecida pelo tempo, com as torres amplas na base, a estreitar para cima, numa curva mal pronunciada, até terminarem em agulhas altas que apontavam



Nossa Senhora de Czestochowa

o céu com o mesmo silêncioso misticismo dos «swierki»⁽⁴⁾ das florestas.

Nas margens da estrada, ora aqui ora ali, passavam diante dos meus olhos pequenos altares de madeira — kapliczka przydrozna — toscamente talhados, com o seu alpendre esquemático a proteger o santo da devoção popular, quase sempre a Virgem e o Menino ou Cristo a meditar. Mãos piedosas cobriam-nos todos os dias de flores e grinaldas.

Chegámos a Cracóvia. As velhas muralhas e torreões medievais de tijolo escuro falavam-me das grandes tradições



da cidade. Recolhi-me quase a rezar. Penetrava no coração da Polónia antiga.

Segundo uma lenda, aos pés do monte de Cracóvia vivia um dragão que comia todos os dias uma virgem até ao dia em que o duque de Krak o matou. Dele teria derivado o nome da cidade.

Após uma rápida visita à cidade, entramos na igreja de Santa Maria, onde pudemos admirar o lindíssimo retábulo sobre a vida da Virgem, maravilhosamente esculpido por Wit Stwosz (Veit Stoss) mestre da escola de Nuremberg.

Em seguida dirigimo-nos a Wawel, velha fortaleza medieval situada num morro, ladeada de muralhas e erigida de torres. A igreja de Wawel data aproximadamente do ano 1000; ainda conserva alguns dos seus frescos de sabor bizantino. Mais tarde o rei Casimiro III, o Grande, (1333-1370) mandou edificar o castelo. Novas construções se foram sobrepondo entre as quais se destaca a torre de Sandomierska ou Torre dos Ladrões. Visitámos túmulos românicos e góticos de heróis, de reis e de santos; o belo cadeiral junto do altar-mor, as capelas primitivas e as exaltações escultóricas da piedade barroca. Atravessamos o vasto claustro de linhas clássicas, guarnecido de altas e delgadas colunas cortadas a meio por delicados anéis decorativos. Subimos a elegante escadaria e calçamos pantufas negras, enormes, a sair dos pés, a embaraçar o passo, mas zelosas defensoras dos ricos mármorees do chão. Percorremos salas sumptuosas com chaminés renascentistas e barrocas. Vimos várias tapeçarias de Arrás, tecidos maravilhosamente esculpidos, de onde emergiam máscaras de figuras do passado; móveis de riquíssima talha, paredes forradas de couro policromado, lembrando visões do Oriente. A crueldade do tempo obrigou-nos a retirar. Mas ficou-me desta breve visita a impressão forte de que Wawel é o guardião e o testemunho altivo do génio

imperecível e da invencível vontade de viver do grande povo polaco.

* * *

CZESTOCHOWA

Às cinco horas e meia da manhã, uma Irmã da congregação S.S. Nazaretanki acompanhava-me da rua Dabrowskiego para o santuário de Jasna Góra. Este fica situado no cimo de um outeiro e rodeado por um fosso datado da Idade Média.

Entrámos na igreja, de estilo barroco, e daí passámos à capela de Nossa Senhora — uma construção anterior, de feição medieval adiantada, onde posteriormente foi introduzido um altar barroco.

Por cima do sacrário via-se um grande quadro dourado coberto por cortina metálica também dourada.

A Irmã conduziu-me até junto do altar. Pontualmente, às seis horas, entrou o sacerdote para celebrar. Tive a impressão de que os fiéis que enchiam a capela retinham a respiração. No meio do mais profundo silêncio começaram a tocar fanfarras, como um hino triunfal. Lenta, magestosamente, a cortina de metal dourado do quadro foi subindo, subindo sempre, como o pano de um palco real. Por detrás ia aparecendo a Virgem com o Menino ao colo, ambos coroados e vestidos de brocado com ouro e pedrarias, que os encobria quase por completo, deixando apenas livre o rosto e as mãos.

Longos séculos de tradição acompanham esta imagem de uma beleza rara, pintada sobre madeira escura, em estilo bizantino.

Um príncipe de Opole trouxera o quadro da capital da Ucrânia, como prenda de casamento, e oferecera-o ao mosteiro



de Jasna Góra. Duas cicatrizes profundas sulcam o rosto puríssimo da Virgem. A imagem, que já tinha grande fama de milagrosa, fora roubada e transportada num carro puxado a cavalos. Em dada altura o carro parou, os cavalos não conseguiram avançar e os malfeitores, enfurecidos, desembainharam as espadas e trespassaram o rosto da Virgem, abandonando o quadro no caminho.

Acontecimentos políticos do século dezasete contribuíram para aumentar a fama sempre crescente do milagroso quadro. Depois da Suécia ter invadido a Grande Polónia, foi em Czestochowa que o seu exército sofreu o primeiro revés. Nobres e camponeses recolheram-se junto dos monges, no santuário de Jasna Góra; todos imploraram a protecção da Virgem e, com o Seu auxílio, não só resistiram ao inimigo como o derrotaram.

Ao penetrar no santuário sente-se os

joelhos dobrarem-se. Percorre-nos uma espécie de arrepio místico ao contemplar, entre fanfarras, a imagem da Virgem cheia de graça, que a tradição atribui à arte do evangelista S. Lucas. O seu rosto irradia uma sobrenaturalidade que acende na alma do peregrino a fé ardente dos primeiros tempos da cristandade. Aqui as horas não contam. O tempo perde o seu sentido de duração: é pura vivência com Cristo e Sua Mãe.

Por uma licença especial, tive a ventura de poder comungar durante a missa.

Este momento representava para mim o termo de uma peregrinação mariana que se iniciara em Fátima e continuara por Lourdes.

Despedi-me do santuário com profunda saudade. Mas ficou-me a alegria íntima, inesquecível, de ter visto brilhar a Estrela da Manhã, de Oeste a Leste.

Maria Luisa Val do Rio

(¹) Paizinho.

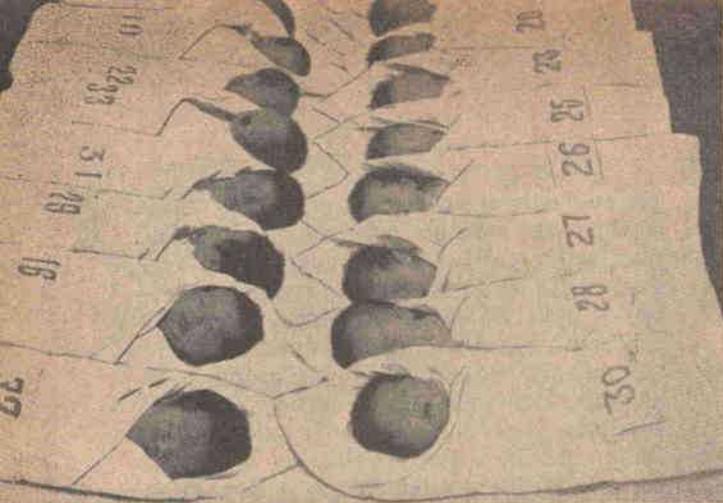
(²) «Três Coroas» montanha assim denominada por terminar numa série de picos que lembram uma coroa.

(³) mēdas.

(⁴) abetos da Polónia.

Fundação Cuidar o Futuro





12 milhões de As comunas populares

— destruição sistemática da família

Falharam as herdades colectivas e as cooperativas agrícolas; o Regimen instaurou por isso a *caserna para todos*: as comunas populares que agrupam de dez mil a cinquenta mil pessoas.

É com raiva e desespero que as famílias de camponeses «aderem» às Comunas Populares. A instituição de uma Comuna dá origem às seguintes consequências:

Destruição material de numerosas casas familiares cujos materiais são utilizados para a construção dos dormitórios e abrigos comuns. Mesmo quando as casas não são destruídas, as famílias têm, no entanto, que as deixar para irem viver nas habitações comuns. Os homens com os homens, as mulheres com as mulheres, as crianças com as crianças. O marido tem autorização para ver a mulher uma vez por mês. É o regime da caserna que se instaura para todos e por um tempo ilimitado. Cada um terá de ir à cantina procurar a sua ração quotidiana e tomá-la com os seus companheiros de trabalho. Não é possível qualquer vida de família. Medidas análogas tendem a introduzir-se nas grandes cidades em que funcionam já cozinhas comuns.

O que todo o chinês compreendeu e sentiu é que um controlo ainda mais rígido e de todos os instantes se ergue sobre ele. A instauração do comunismo integral parece-lhe ser a instituição de trabalhos forçados perpétuos, sem nenhuma das alegrias da família e sem uma onça de liberdade.

Para a imprensa e a rádio comunistas, um dos grandes benefícios das Comunas Populares foi a «libertação» da mulher chinesa. Mais de 100 milhões de chinesas foram separadas do marido e dos filhos, condenadas ao trabalho em equipa, ao rancho, à camisa e às calças fornecidas pelo vestiário comum.

O periódico «China Nova» de 30 de Setembro de 1958 indicava 23.484 Comunas Populares, contando em média 4.797 famílias. As famílias camponesas estavam já organizadas em Comunas em cerca de 97,1%. No total, 112 milhões de famílias destroçadas e condenadas a trabalhos forçados para sempre.

Esta extraordinária transformação social, esta gigantesca experiência que afecta mais de 600 milhões de seres humanos é — não podemos ignorá-lo — atroz

famílias em trabalhos forçados

no seu princípio e nas suas consequências. É um novo crime contra a humanidade.

O ESTADO TRATA DAS CRIANÇAS DESDE O SEU NASCIMENTO

Hu-Jao-Pang, secretário-geral de juventude comunista na China, no seu relatório aos Activistas, em Novembro de 1958, dizia: «Se não tomamos particular cuidado das crianças, estaremos impossibilitados de fazer destes 100 milhões de jovens irmãos e irmãs, o pessoal comunista da próxima geração».

O jornal «Juventude da China» de 18 de Dezembro de 1958 publicava: «foi preciso lutar contra o instinto maternal inquieto por ver os filhos confiados a outras mães e convencer outras mães de família que os filhos já não eram propriedade privada dos pais, mas que eram a propriedade da sociedade e do partido comunista».

O partido comunista não esconde que pretende ver as crianças e os adolescentes longe da influência paterna. A educação familiar, a seus olhos, entrava o desenvolvimento total da criança. Praticando a quádrupla colectivização — dos estudos, do trabalho, da residência e dos dormitórios — o Partido reforça a sua influência. A sua primeira preocupação é a formação política destes adolescentes e jovens. É preciso que saiam da escola pensando e agindo como bons comunistas.

O DESTINO DOS JÓVENS

Sabe-se pouco sobre o destino da juventude chinesa, deportada em massa para as regiões de fronteira depois dos tumultos de 1957 e o período das «Cem Flores». O envio para o Tibete equivale a uma condenação à morte para 6 em cada 10 dos que partem. Um documento, único no seu género, foi publicado no verão passado no «Jornal da Juventude Chinesa» sob o título «Espírito magnífico dos jovens em Unumchi (Sinkiang) na construção do canal da Juventude.»

Eis certas passagens:

«A construção deste canal exigiu 800 mil dias de trabalho e 500 mil metros cúbicos de terra foram transportados. Foi acabado em 131 dias por 30 mil jovens, rapazes e raparigas que trabalharam a temperaturas de 30 e 40 graus negativos, em terra gelada, a uma profundidade de 50 cm a 1^m,50 O tempo de trabalho fora fixado em 8 horas, mas eles trabalharam 10 e 12 horas. Alguns trabalharam mesmo três dias e três noites sem dormir. Um vento frio soprava ferozmente do deserto de Gobi. Foi nestas condições que trabalhou a «heróica juventude»!...

Este terrível documento é um relatório redigido por um dos chefes da juventude comunista e foi publicado em 15 de Junho de 1958. É preciso acrescentar que estes 30 mil jovens são aqueles que — na primavera de 1957, na época das «Cem flores» — confiantes na impunidade prometida, ousaram criticar o regimen.



CONTINUA A PERSEGUIÇÃO RELIGIOSA

Desde a ocupação da China pelos comunistas em 1949 não deixaram de crescer os sofrimentos da Igreja Católica. Todas as instituições foram suprimidas, centenas de escolas confiscadas — (desde as infantis até às três universidades católicas) — a imprensa católica que contava três jornais diários, três semanários, dezasseis revistas mensais e três bi-mensais, foi proibida. Os comunistas apropriaram-se de 216 clínicas, 254 orfanatos, 781 policlínicas, todos os asilos e outras instituições.

Mais de cem padres e bispos morreram no cativeiro. Vários estão presos, muitos outros estão em trabalhos forçados. Os que continuam em liberdade estão continuamente a ser espiados e sob a ameaça constante de prisão. Fecham-se as últimas igrejas. A expulsão dos missionários é quase total. Os padres e religiosas indígenas que se mantêm fiéis são submetidos a sessões de doutrinação e de sofrimentos intoleráveis e diabólicos. Os católicos são cercados e colocados em condições de impossibilidade de vida.

A Rádio Vaticano difundiu que «isolados e submersos num mundo sombrio de paganismo e ateísmo, os três milhões de católicos chineses revivem os tempos heróicos das comunidades cristãs dispersas no vasto circo do império romano».

*(Traduzido de Jeunesse Nouvelle — Abril 1959 —
crônica trimestral de F. M. J. F. C.)*



Não terás tu já perguntado a ti mesma porque será que a JUCF, se lembrou de organizar equipas, que vão trabalhar nas férias para terras des-cristianizadas? Sim, porque a JUCF, é afinal o organismo a que a Igreja confiou o apostolado no meio universitário — e não a catequese, ou a preparação de raparigas, ou a cristianização das famílias, em aldeias espalhadas por esse Portugal fora...

Sim, porque será?

E, já que isso acontece, que terá representado essa experiência para as dezenas de raparigas uni-

EQUIPAS MISSIONÁRIAS

versitárias que nestes últimos quatro anos deram 3 semanas das suas férias grandes e partiram?

Podia contar-te o que se passou comigo: o meu entusiasmo ao partir o ano passado para a Marinha Grande, as alegrias e as canseiras e os trabalhos da equipa toda, sentindo a urgência do apelo daquelas crianças, daquelas raparigas, daquelas famílias, que nos recebiam tão bem e tão abertas ao que lhes dizíamos!

Mas então seria um testemunho pessoal — e isso já tu deves ter ouvido a algumas das tuas colegas que participaram também, nesta ou noutra «missão».

Hoje gostava mais de recordar contigo, como nasceu na JUCF, esta ideia, profundamente enraizada na nossa vocação apostólica — vocação a colaborar no apostolado da Igreja Universal, e não confinada a este ou àquele meio, em que nascemos, ou em que vivemos agora.

Foi há quatro anos. Despertámos para a tremenda realidade da situação religiosa em Portugal: terras há 30 e 40 anos sem pároco (uma geração inteira!), terras, como o Barreiro, com 64 % de casamentos não religiosos, 20 % de prática dominical em províncias consideradas católicas, a falta de Sacerdotes por todo o país (um dos índices mais baixos do mundo, relativamente ao número de católicos), a falta de catequistas nas aldeias... e nós sentimo-nos responsáveis, também por tudo isto, nós, que tínhamos uma vocação apostólica dentro da Igreja...

E oferecemo-nos a vários Bispos das nossas dioceses. E partiu nas férias o primeiro grupo:

houve gente de 3 aldeias de Portugal que durante algumas semanas sentiu o calor e o interesse de muitas jucistas, debruçadas sobre os seus problemas, levando-lhes uma mensagem de fé, esperança e amor.

Dizíamos naquela altura que, ao oferecermo-nos ao serviço da Igreja, nos oferecíamos também ao sacrifício de não ver resultados para o nosso trabalho — na certeza de que o que converte as almas é a nossa oração, o nosso amor e a nossa disponibilidade e essa poderia dar frutos nestes ou noutros membros do Corpo Místico.

As primeiras que partiram foram, assim: deram muito e receberam muito.

E este Verão pela 5.^a vez, raparigas da JUCF, vão formar equipas, que se hão-de espalhar por várias regiões des-cristianizadas.

E, sabes o que tem de mais extraordinário esta experiência tão rica de viver 3 semanas das nossas férias numa equipa missionária? É precisamente o facto de nos «sentirmos» comprometidas numa acção que, por sua natureza, ultrapassa muitíssimo a nossa preparação e as nossas capacidades: a acção de levar Cristo às almas.

É nisto que a nossa vida está centrada: não têm outro sentido os cursos que possamos fazer, as reuniões, a catequese, as conversas, a nossa vida de oração, a discussão dos melhores planos, a amizade dentro da equipa...

Somos consideradas como missionárias, e sentimos em cada hora a realidade e as exigências dessa vocação.

E agora, compreendes como a JUCF, toda fica enriquecida com esta experiência de algumas dezenas de jucistas?

Ao voltar de uma missão, todas vimos mais exigentes connosco próprias (não vivemos nós uma vida austera e voltada só para o essencial?). Todas viremos mais conscientes do que a vida apostólica é afinal (não só as palavras e as acções concretas, mas a presença no meio). Todas nos sentimos a viver mais com a Igreja, que sofre por não ser ainda um só rebanho e um só Pastor.

E, postas novamente na Universidade, somos aí de modo mais vivo, mais entusiasta, aquela presença irradiante e sempre disponível do apóstolo autêntico, que se sabe diante da Igreja, especialmente responsável por esse meio, onde trabalha e vive.

Maria Fernanda Abreu Coutinho



A ARTE DE SABER

A música pode ser considerada como linguagem, como arte ou como ciência.

É uma maneira de se exprimir, espiritualmente, uma ideia, um sentimento, uma natureza com todos os aspectos que nos apresenta.

Mas nem todo o ser humano está apto a transformar os seus próprios estados de alma nessa linguagem maravilhosa. Para isso, torna-se necessário qualquer coisa de extraordinário que permita concretizar todos os sentimentos numa forma ao mesmo tempo sublime e espiritual.

A ciência é por assim dizer uma parte inerente à música. É tão fria e positiva quanto a arte é enaltecida. Constitui o freio salutar que mantém o equilíbrio através da composição.

O compositor escreve, em primeiro lugar, por um acto impulsivo, porque a sua alma de artista o obriga a traduzir os seus sentimentos nessa linguagem maravilhosa; mas a música afinal dirige-se a um público. E estará o público sempre bem formado a fim de poder compreendê-la? (1)

A música bem elaborada e mais elevada dirige-se a um público esclarecido, que pelo seu estudo adquiriu a faculdade de compreender esta literatura especial e de a poder apreciar devidamente. Para os outros servirá uma simples opereta, um café-concerto. Nesta espécie de música, encontrarão completamente reali-

zando aquilo que consideram o belo da música.

E o que é o belo da música?

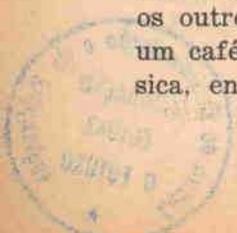
É impossível uma definição. O belo na música reside na boa proporção das harmonias e na possibilidade de comunicação dos sentimentos e da emoção do autor para o público. Estas duas condições são indispensáveis e não existe uma só obra-prima que não as reuna. Uma composição pode provocar um estado de alma, mas a sua beleza deve resistir mesmo depois de uma análise minuciosa de forma. Só assim pode existir uma admiração entusiástica e perdurável.

Pode-se, até certo ponto, ouvir uma música sem a compreender ou sem se procurar compreender. A linha melódica é agradável, variada e fácil de seguir. Neste caso, constitui apenas um prazer sensorial e qualquer música frívola e superficial pode, neste sentido, agradar.

Mas o saber ouvir e compreender música não está unicamente no prazer sensorial. O segredo de saber ouvir música está em **partilhar** os nossos sentimentos com os do compositor, compreender o seu ideal, integrando-se no espírito da época.

Não podemos ouvir uma obra sinfónica contemporânea, procurando experimentar com ela os mesmos estados de alma que experimentamos ao ouvir uma sinfonia de Beethoven.

Alguns críticos mais superficiais desanimam em face da música moderna



OUVIR MÚSICA



que consideram só matemática⁽¹⁾ baseada em números, cálculos, especulação, e negam mesmo qualquer espécie de inspiração. Isto só revela que eles não conhecem verdadeiramente a arte de que se proclamam defensores. No tempo da polifonia e do contraponto, de Bach e de Haendel a música era infinitamente mais matemática do que presentemente.

Mas os temas são sempre os mesmos, adaptados ao gosto da época, obedecendo aos próprios sentimentos do autor, e integrados dentro da corrente musical em vigor.

Para alguns, a evolução da arte é um círculo vicioso, repetindo-se constantemente as mesmas etapas. Para outros, a música evolui sem cessar, elevando-se cada vez mais. Tomadas isoladamente,

estas duas concepções são incompletas, mas elas dão a expressão da verdade se se reunirem numa só fórmula. A música percorre um caminho sem fim, encontrando por vezes pontos já passados, mas aproximando-se cada vez mais ideal.

Passando em revista os vários períodos da literatura musical, veremos que esse ideal tem variado nos diferentes países. Ainda hoje está longe de ser em toda a parte o mesmo, e continuará a variar para o futuro. Mas é incontestável que a música em que há verdadeiramente o belo não deixa de ser bela por mudarem os tempos e as latitudes.

O Belo é imutável, de todos os tempos e em todos os países.

MARIA FERNANDA
DE LUCENA E VALLE

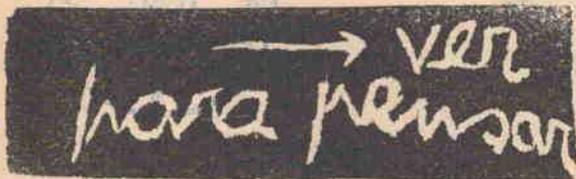
(¹) «Compreender» uma obra de arte, não é o mesmo que *percebê-la*. A arte move-se numa esfera diferente da esfera intelectual. Não se compadece com raciocínios. Trata-se, antes, de uma *vivência* que o artista comunica e que aquele que *contempla* a obra de arte procura apreender. A arte não é intelectual, mas essencialmente contemplativa. É para *sentir*, não é para perceber. Não se trata de *lógica*, mas de *emoção*.

Mas aqui é que é preciso distinguir: o elemento *emocional* da arte — o «sentir» a obra de arte — não é puramente *sensorial*, nem meramente *emotivo* (no sentido de automática e superficial perturbação directamente causada por um estímulo). A arte apreende-se pelos sentidos, mas está muito para além da sensação. Provoca um estado de alma, que não tem nada de superficial, mas está cheio do sentido de «comunhão» com o artista. Comunhão com o *sentido* que ele reflectiu na obra de arte. **Compreender** a obra de arte é *abranger*, é *com-penetrá-la*. É «prendê-la» juntamente com o artista criador. É participar com ele na apreensão de algo que nem os olhos viram, nem os ouvidos ouviram, nem a boca tem palavras para contar».

Por isso, para que haja obra de arte, é necessário que a «mensagem» do artista reflita algo de profundo, de não directamente apreensível pelos sentidos. A tradução de um sentido que está para além da realidade sensorial.

(²) Trata-se do problema, já referido no texto, da música como ciência. Existe um conjunto de regras — que, como as regras de qualquer gramática, está completado por boa dose de excepções — às quais a música tem que obedecer. A parte mais importante dessas regras forma como que uma «*temática*» da música, pois diz respeito aos *temas* e ao seu desenvolvimento.

Assim como a uma linha melódica corresponde um certo desenvolvimento, também se pode dizer que um *regra* um acorde se resolve noutro acorde. Modernamente as regras de resolução de acordes comportam muitas excepções, — deixando ao ouvinte não acostumado a impressão de que a música «ficou suspensa no ar», e que se está à espera que caia o acorde final. A *resolução de acordes já é matemática da música*.



A espera de Godot

É muito raro que um acontecimento teatral seja, entre nós, motivo de agitação de opiniões e ponto de partida para um debate sério. E não é difícil perceber porquê. O nível das peças representadas não atinge, em geral, o domínio do razoável e a fraca interpretação que, na maioria dos casos, se verifica, contribui para esbater os já poucos valores positivos que seria possível encontrar.

Entre as excepções a esta regra, a peça de Samuel Beckett recentemente apresentada no Trindade é, sem dúvida, das que maior controvérsia levantou.

As mais descontraídas reacções — lembre-se que a peça foi pateada na noite de estreia e vibrante aplaudida nos sábados de estudantes — justificam o calor que se pôs na sua discussão.

Não nos interessa, neste momento, encontrar os verdadeiros motivos — válidos ou não — da frieza com que grande parte do público acolheu «A espera de Godot». O que, por agora, nos parece importante é acentuar que, na generalidade, o público jovem, na maioria constituído por estudantes universitários «delirou» com a peça do Trindade. E é inegável que são muitos os aspectos positivos a solicitar e justificar este interesse. Beckett agarra num problema vital e consegue um adequamento perfeito dos novos processos do anti-teatro à finalidade que tem em vista. Mais ainda, a interpretação é, de um modo geral, boa, nalguns casos mesmo excepcional, e isto já é muito entre nós.

Mas quer-nos parecer que estes factos só parcialmente podem explicar a reacção do público mais jovem e que é à base de outra verdade mais funda que importa reflectir. O entusiasmo das camadas jovens permite-nos concluir por ajustamento da temática de Beckett ao que neste momento é a sua

atitude perante os homens e os factos. A reacção dos nossos universitários, a vibração entusiástica que puseram nos seus aplausos são índice de uma identificação com o estado de espírito daquelas duas personagens que indefinidamente esperam por Godot.

A ausência de conteúdo daquelas vidas vazias reflecte dolorosamente o vago do seu mundo interior, a renúncia implícita a uma atitude de livre escolha e acima de tudo a persistência daquela esperança desesperada que amarram Didi e Gogo a aquele local em que acabam sempre por se encontrar são traços que, nas personagens de Beckett, reflectem uma mentalidade geral.

Em princípio isto é perfeitamente compreensível e integra-se, afinal, na intenção do autor de traçar simbolicamente o drama de toda uma geração.

Mas o que nos interessa é verificar até que ponto o problema está incarnado nos nossos universitários. O que interessa reter é que não se trata de uma daquelas verdades mais pressupostas que concretizadas nem de algo que apenas se constata nos países mais profundamente marcados pela experiência da guerra.

Este clima de quase descrédito da esperança cristã é uma realidade com que temos de contar, uma realidade que não podemos nem devemos ignorar ao nosso lado.

E não se pense que com esta afirmação se procura acentuar uma faceta demasiado pessimista da vida contemporânea. Trata-se apenas de uma necessidade de despertar para o que está cristãmente menos certo para um estado de crise que tem de ser ultrapassado. Há uma tonalidade geral que é preciso modificar, até mesmo com o recurso a alguns dos elementos nela contidos a que se pode dar uma feição diferente. E, neste aspecto, as personagens de Beckett podem ainda ajudar-nos. Muitas das suas atitudes são sugestões que importa não perder — a necessidade que os homens têm uns dos outros, mesmo quando é frouxo o diálogo que estabelecem entre eles e fundamentalmente, a persistência de uma esperança, mesmo quando ela não tem razão de ser, segundo o pensamento do autor.

No fundo trata-se, simplesmente, de ajudar a definir «Godot» e de mostrar que vale a pena esperar por ele.

Maria Idalina Pereira



Finda mais um ano lectivo: exames e — dentro em pouco — férias.

Presença deseja a todos os seus leitores boas férias. Que elas sejam autêntico período de **recreação**, período fecundo e, portanto, promessa de um novo ano rendoso.

Este número da Presença foi planeado com uma preocupação comum: concorrer para que estas férias sejam bem vividas. Num século em que andam, em regra, confundidos, na teoria e na prática, conceitos como prazer e felicidade, divertimentos e recreação, inactividade e tempo livre, preguiça e repouso, não é demais insistir na genuinidade do sentido e finalidade das férias e multiplicar as sugestões para umas férias bem vividas.

Presença 27 é o último número da série deste ano e por isso a Redacção deseja afirmar aqui o seu reconhecimento a todos os que colaboraram com artigos, aos que enviaram sugestões e críticas, aos que promoveram a expansão por venda ou novas assinaturas, aos que se lhe dirigiram simplesmente para testemunharem apreço e simpatia.

Com todos contamos para prosseguir, no próximo ano lectivo, com renovada preocupação de que Presença seja cada vez mais uma presença na Universidade: presença cultural, presença feminina.

A REDACÇÃO

Fundação Cuidar o Futuro

Capa de DIOGO PIMENTEL

Composto e impresso na Tipografia Cardim, Lda. — Cascais